

CATHERINE RADZIWILL

HISTÓRIAS SECRETAS  
DE CASAMENTOS  
E ALIANÇAS REAIS

## NOTA DO EDITOR

Catherine Radziwill foi uma figura proeminente nas cortes imperiais na Alemanha e na Rússia. Combinou o seu amor pelo luxo das cortes e a vida social com um talento literário raro, escrevendo cerca de duas dezenas de livros.

Este livro é essencial para entender a política de bastidores e os matrimónios das famílias reais europeias ao longo do tempo. Escrito no primeiro quartel do século XX, procura dar vislumbres das ligações dinásticas das gerações vindouras, o que o torna, ao mesmo tempo, trágico e fascinante, pois, como sabemos, a maioria destas dinastias reais não sobreviveria à Grande Guerra.

O EDITOR

## NOTA DA AUTORA

**E**m épocas anteriores, os casamentos reais eram considerados os eventos mais importantes do mundo político, sendo a sua negociação geralmente confiada aos diplomatas mais competentes da Europa. Até à segunda metade do século XIX, os soberanos procuravam assumir alianças matrimoniais que se mostrassem vantajosas para os países que governavam. É certo que a política estava na base dos casamentos entre as diferentes dinastias da Europa a um nível superior aos sentimentos pessoais e que as relações entre os vários impérios e reinos dependiam consideravelmente da direção segundo a qual estas alianças eram contraídas. Exceções notáveis foram os enlaces estabelecidos por Luís XVI e, mais tarde, pelo grande Napoleão quando pediu a mão da arquiduquesa Maria Luísa.

Mais tarde, a questão de encontrar uma consorte adequada para o filho e herdeiro do rei Luís Filipe fez com que a tinta corresse copiosamente nas chancelarias das grandes capitais, pois dela presumia-se depender a consolidação da dinastia de Orleães no trono usurpado. Depois, quando Napoleão III elevou à

O assunto é também interessante de outro ponto de vista, porque é quase certo que daqui em diante poucos membros da realeza procurarão noivas no mercado de casamentos alemão, como era costume entre as casas reinantes. Consequentemente, o leque de escolhas tornar-se-á limitado, o que provocará decerto mudanças drásticas em relação às principais dinastias da Europa, podendo acabar com a regra que exige que a realeza se una apenas aos seus iguais. Visto sob esse aspeto, a questão dos casamentos reais adquiriu um interesse tão considerável que se torna ao mesmo tempo oportuno e informativo relatar alguns pormenores. Foi esta tarefa agradável que me propus cumprir o melhor que as minhas capacidades me permitem, com a quantidade de informação que tenho à disposição e na esperança de que possa ser aceitável para os meus leitores.

CATHERINE RADZIWILL

## *Capítulo Um*



### A CASA DOS HABSBURGO

**O**s Habsburgo, devido à respetiva linhagem ancestral, ocupam apropriadamente o seu lugar como a primeira Casa cujas alianças nos interessam. O patriarca, Francisco José, foi talvez o primeiro soberano austríaco que não seguiu os desejos dos pais nem as tradições da família na escolha da noiva, tendo-se casado por amor. Era ainda rapaz quando se estabeleceu um entendimento entre a mãe, a orgulhosa e arrogante arquiduquesa Sofia, e a irmã desta, a duquesa Luísa da Baviera, segundo o qual ele deveria casar-se com a filha mais velha desta última, a bela princesa Helena, educada para preencher, em devido tempo, a posição exaltada que elas lhe tinham destinado. Fora combinado que o primeiro encontro do jovem imperador com Helena dar-se-ia em Ischl, mas quando a conheceu, ela não agradou ao seu coração impulsivo.

Na verdade, apaixonou-se à primeira vista por Isabel, a irmã mais nova de Helena. Não a viu por mais do que alguns minutos, mas declarou de imediato à mãe que a menina não formada, cuja educação ainda não terminara e que, desde a infância, tinha

autorização para correr livre pelos parques e florestas em redor da residência dos pais em Possenhofen, nos Alpes da Baviera, era a única mulher com quem desejava casar-se. A princípio, a arquidquesa objetou com veemência, sublinhando perante o filho que a criança que cativara o seu interesse dificilmente seria uma imperatriz digna e majestosa. Teve, no entanto, de ceder aos desejos de Francisco José e, dois dias depois, os documentos oficiais em Viena anunciaram que o monarca austríaco ficara noivo da jovem prima. Esta fora menosprezada e censurada por todos até que, para surpresa geral, ele a escolheu para ocupar o primeiro lugar no seu império.

Isabel, nos primeiros dias, estava tão apaixonada pelo futuro marido como estaria qualquer jovem da sua idade. Mal completara dezasseis anos, pouco sabia da vida e menos ainda do mundo e do papel que lhe estava reservado. A sua posição, embora não a deslumbrasse como poderia ter deslumbrado alguém menos sério por natureza, apresentava imensas vantagens e era tão maravilhosa que não deixava de se sentir influenciada. Por outro lado, acreditava afetosamente que a vida iria permanecer o delicioso conto de fadas que até então provara ser, e a descoberta de que também continha muitas tristezas deixou-a amarga e ressentida.

Em intelecto, a princesa era bastante inteligente, mas o seu carácter carecia do equilíbrio vital necessário que a capacitasse para lutar vitoriosamente contra os preconceitos que o seu comportamento um tanto excêntrico gerava. Herdara bastante do carácter pouco convencional dos Wittelsbach, e quando se viu negligenciada pelo imperador e impedida pela sogra de exercer sobre ele e sobre os seus filhos a influência que gostaria, fechou-se numa espécie de reserva arrogante. Esta atitude não era desprovida de grandeza, mas estava destinada a despertar críticas e até animosidade contra a sua pessoa.

O amor de Francisco José por ela durou pouco. Em breve, voltou-se para outras diversões e não só a negligenciou abertamente, como a deixou sozinha, estipulando que os filhos deveriam permanecer sob os cuidados da sua própria mãe, a qual temia bastante. A imperatriz, a quem toda a família e a respetiva comitiva faziam o possível por considerar uma nulidade, tornou-se cada vez menos interessada nas palavras e ações destes. Começou a viver de acordo com os seus ideais, em que o desporto constituía o principal prazer, e o cuidado com a sua beleza a primordial ocupação. Viajou por todo o mundo, acompanhada de um pequeno séquito, e embora tivesse opiniões políticas próprias fortes, raramente se permitia divulgá-las ou tentar exercer alguma influência para as promover. Apenas em raras ocasiões mostrou as suas preferências, como, por exemplo, quando a questão húngara passou a ser seriamente discutida na Áustria.

Mesmo em assuntos privados, como os casamentos dos numerosos arquidukes e arquidukesas, Isabel nunca se preocupou em fazer com que o peso da sua posição fosse sentido na própria família, e quase nunca disse uma palavra por meio da qual alguém pudesse adivinhar o que pensava sobre o assunto. Afirmava que quanto menos ouvia falar do que se dizia e praticava na família imperial, mais feliz se sentia, e levou essa indiferença tão longe que quando o futuro dos filhos foi discutido permitiu que o imperador fizesse o que quisesse, sem procurar saber que oportunidades de felicidade para a prole residiam nos casamentos que estes tiveram de aceitar. Sem esconder que não gostava da princesa Estefânia da Bélgica, não ofereceu oposição ao desejo do imperador de a ver casada com o seu único filho. E quando a união se revelou extremamente infeliz, não se esforçou por conseguir um melhor entendimento. A nora não lhe agradava e, mais tarde,

afirmou que fora devido à falta de tato de Estefânia e ao seu temperamento irritável que aconteceu a terrível cena na qual o herdeiro do trono austríaco morreu em conjunto com a infeliz e miserável jovem, que o amava muito e a quem ele se afeiçoara.

Isabel da Áustria não era considerada como tendo uma natureza capaz de sentir qualquer apego forte, em parte, talvez, porque fazia o possível por reprimir a exibição de tais sentimentos e também porque adquirira um medo mórbido de aprender a gostar demais de alguém ou de alguma coisa devido às decepções anteriores que tinham lançado sombras tão escuras sobre a sua vida.

Nos últimos anos de vida, Isabel demonstrou grande afeto pelo rei Luís II da Baviera, seu primo, cujo carácter apresentava muitas semelhanças com o seu e cujo fim cruel foi um golpe amargo para ela. Nunca perdoou ao falecido príncipe regente Leopoldo pelo papel que desempenhou na tragédia sombria que culminou nas águas azuis do lago de Starnberg. Segundo relatos, recusava-se a vê-lo quando ele visitava Munique depois do sucedido. Além de amizade, negava-se a desenvolver maior intimidade com quem quer que fosse e preferia uma existência solitária e errante, que a levava de um lugar para o outro em busca de uma felicidade que os esplendores da corte de Viena não lhe tinham trazido.

Este casamento não pode, portanto, ser apresentado como um exemplo de felicidade associado ao amor, embora tenha sido mais por paixão do que por afeto forte e profundo. Como acontece muitas vezes na vida, duas personalidades bastante antagônicas acabaram unidas por uma aberração do destino e não se deram bem. Talvez tenham feito um esforço insuficiente para suavizar as diferenças, que estavam fadadas a acentuar-se com a passagem do tempo. Contudo, por mais estranho que possa parecer, a sua



experiência conjugal não inspirou na imperatriz o desejo de salvar os filhos das decepções que enfrentara. Mesmo em relação à arquiduquesa Valéria, a sua favorita, a imperatriz pareceu, mais de uma vez, apresentar uma completa falta de ternura, e quando a questão do casamento da filha mais nova foi discutida, ela aceitou como genro o arquiduque Francisco Salvador sem a menor objeção. Embora nunca se tivesse dado bem com ele, absteve-se sabiamente de dizer qualquer coisa à filha que pudesse abalar o apego desta pelo marido que lhe fora dito que aceitasse e com quem se casou com a submissão absoluta característica das princesas austríacas. Ainda que se importasse à sua maneira com Valéria, Isabel manteve-a num nível de amor cerimonial que nunca atingiu um grau substancial de afeto.

Francisco José mostrou ser o mais egoísta dos pais e, embora velho, vacilante e sem princípios, conquistou mais plenamente a afeição das duas filhas do que a da adorável, talentosa e virtuosa consorte. Contudo, nunca se deu bem com o filho e herdeiro. Apesar dos seus defeitos, Rodolfo era, no fundo, cavalheiro e um homem extremamente astuto e inteligente. Era também, à sua maneira, um grande patriota, irritando-se secretamente com o fraco domínio de política que o imperador exibira em todas as ocasiões sérias em que o destino da sua dinastia estremecera. O arquiduque jamais se importou com a aliança alemã que viria a tornar-se tão preciosa para o seu primo, o infeliz Francisco Fernando. Se tivesse vivido a orientação da diplomacia austríaca, poderia ter sido muito diferente. Mas Rodolfo morreu, e a sucessão ao trono passou para uma linha colateral, da qual o primeiro representante seria assassinado poucos dias antes do início da Grande Guerra de 1914.

Tivesse a vítima da horrível tragédia de Sarajevo sido poupada, para se tornar o governante do Império Austríaco, e talvez a

união morganática com a condessa Sofia Chotek se provasse ser um dos casamentos mais notáveis que um soberano reinante alguma vez assumira. A condessa não era apenas uma mulher inteligente e talentosa. Era também ambiciosa e estava, além disso, sob a influência dos jesuítas, os quais a tinham protegido bastante quando descobriram que conquistara o afeto do sobrinho e herdeiro de Francisco José. Ela aspirava, e outros por si, a tornar-se pelo menos rainha da Hungria, caso o destino se mostrasse forte o suficiente para a impedir de se tornar imperatriz da Áustria. O seu domínio sobre a mente do marido era ilimitado e talvez para lá do amor que ele sem dúvida sentia por ela. Além disso, ganhara as boas graças da madrasta do arquiduque, a piedosa, mas intolerante arquiduquesa Maria Teresa, princesa de Bragança por nascimento, cujas virtudes e elevados princípios lhe tinham dado uma posição excepcional na corte de Viena, presidindo a todas as cerimónias e festividades do Estado desde que a morte do arquiduque Rodolfo pusera fim a qualquer tentativa de o fazer por parte da imperatriz. Esta nunca mais se apresentou em público depois daquela terrível catástrofe, exceto uma vez, aquando da visita feita aos soberanos austríacos pelo recém-casado imperador Nicolau II da Rússia junto com a encantadora noiva.

Maria Teresa foi uma das mulheres mais belas do seu tempo, e embora o seu casamento com o arquiduque Carlos Luís, então velho e robusto, tivesse sido tudo menos feliz, ela nunca permitiu que o mundo adivinhasse a verdade, apresentando-se com uma atitude altiva que repelia qualquer tentativa por parte da família ou dos amigos de a consolar pelas cruéis desilusões. Quando ficou viúva, a sua influência sobre o imperador permaneceu inabalável, e é certo que, se não fosse a sua intervenção, o velho monarca nunca teria dado o seu consentimento para a introdução de uma estranha no círculo familiar dos Habsburgo, como a condessa



Carlos IV da Hungria, com a rainha Zita e o príncipe herdeiro Otto, após a coroação em Budapeste, 1916.

Sofia Chotek sem dúvida era, de acordo com as ideias daqueles. No entanto, quando queria, Maria Teresa podia impor a opinião aos outros e explicou-se com tal convicção a Francisco José que ele não ousou contradizê-la. Ainda assim, e embora a senhora em questão pertencesse à mais alta aristocracia da Boémia, ele estipulou que o casamento deveria ser considerado morgânico e que os filhos que dele nascessem nunca poderiam aspirar a ser outra coisa que não príncipes ou princesas de Hohenberg, assumindo o título concedido à condessa de Chotek.

Quando a união se concretizou, Francisco Fernando, cujo pai falecera poucos anos antes, ocupava o cargo de herdeiro presuntivo da Coroa, e já demonstrara mais de um sinal da energia de carácter que manifestaria tão cedo, para grande surpresa dos que tinham profetizado que ele jamais passaria de uma nulidade. Não era, de forma alguma, um homem de inteligência rápida, sendo bastante rígido nas apreciações e certamente nunca brilhante, mas tinha algo daquela obstinação que as pessoas de mente limitada tantas vezes possuem e que é considerada firmeza de carácter por muitos, embora seja apenas um sintoma de fraqueza ou, pelo menos, de falta de compreensão das opiniões dos outros. Quando punha uma ideia na cabeça, nada no mundo conseguia induzi-lo a mudar, e ele saudava com alegria qualquer facto que tendesse a confirmar a sua opinião. Portanto, quando o imperador Guilherme consentiu em receber a princesa de Hohenberg como sua igual – o título de duquesa só lhe foi concedido pouco tempo antes do seu fim prematuro –, o arquiduque tornou-se o mais leal amigo do monarca prussiano, aderindo calorosamente a todos os seus esquemas, os quais, diga-se de passagem, estavam de acordo com os próprios planos, pois visavam a destruição da influência russa nos Balcãs. Esta ligação entre o imperador alemão e o futuro governante da Áustria poderia ter levado a surpresas inesperadas se a

carreira deste último não tivesse sido interrompida, morrendo com ele todas as consequências que o seu casamento romântico poderia ter trazido.

O irmão mais novo, o arquiduque Otto, morrera antes dele, vítima de uma vida cheia de vícios e sem princípios. Casara-se com uma mulher de mérito singular, a princesa Maria Josefa da Saxónia, que suportou com paciência de anjo os maus-tratos a que ele a sujeitou, mas que não possuía força de carácter e experiência do mundo suficientes para guiar os filhos em termos de educação e durante a juventude. Era orgulhosa e austera e, sendo muito devota, tinha todos os pensamentos centrados nas boas obras e nas peregrinações a diferentes igrejas e santuários.

No entanto, aspirava também desempenhar um papel político. O seu casamento fora de conveniência, e ela não via razão para que os filhos fizessem o contrário. Odiava a duquesa de Hohenberg, sobre quem tinha suspeitas de fazer intrigas de modo a garantir para os filhos o posto de arquidukes, com o direito de sucederem ao trono, e costumava falar continuamente com o imperador sobre a necessidade de casar o próprio filho mais velho o mais cedo possível a fim de assegurar a sucessão à Coroa em linha direta. Carlos Francisco José era um jovem gentil, o tipo perfeito de um «nobre» austríaco vaidoso, com pouca informação, modos galantes e bem-humorado, mas que dificilmente poderia ser considerado perspicaz. No entanto, seguia o tio na ordem de sucessão ao reino dos Habsburgo e, como tal, o seu casamento estava fadado a ser um assunto muito sério. Maria Josefa compreendia isso e, quase antes de ele deixar a escola, começou a procurar uma nora a seu gosto.

A Baviera apresentava várias candidatas cuja fé não seria impedimento, pois uma princesa protestante estava, é claro, fora de questão. Os Wittelsbach, por exemplo, eram católicos devotos,

mas a arquiduesa não desejava uma aliança com aquela casa; já se tinham introduzido com demasiada frequência na linhagem real austríaca. Sustentava que a consanguinidade não conduzia a finais felizes. Por essa razão, rejeitou a ideia de unir o filho a uma arquiduesa, embora houvesse muitas dispostas a aceitar a perspectiva de virem a ser imperatriz. Não gostava dos Orleães devido ao exemplo da prima, a arquiduesa Doroteia, que se casara com o pretendente francês e cuja união provara ser extremamente infeliz. Restavam, portanto, os Bourbon italianos e espanhóis, cujo sangue era tão antigo como o dos Habsburgo e cujas opiniões estavam alinhadas com as suas. Entre eles, a família do duque de Parma cativava-a graças aos seus princípios estritamente católicos e ao cuidado com que a duquesa, princesa de Bragança por nascimento e irmã da arquiduesa Maria Teresa, madrastra do marido, criara as numerosas filhas. No entanto, a imbecilidade era considerada hereditária naquele ramo da família Bourbon, sendo vários dos vinte filhos que as duas esposas do duque de Parma lhe tinham dado idiotas confirmados. De alguma forma, este facto não pareceu impressionar Maria Josefa, que aconselhou o filho a passar alguns dias no castelo para onde a duquesa viúva se retirara e a conhecer as diversas jovens que ela supunha serem encantadoras que ali partilhavam a solidão.

Nisso como em tudo, o arquiduke obedeceu à mãe, e partiu para a Villa Pianore, na Toscana, onde a família Parma costumava passar o verão. Ficou rapidamente cativo dos encantos juvenis da princesa Zita, uma das mais jovens desta família feliz e numerosa. Após o consentimento da mãe e do tio, pediu-a em casamento, o qual, como se pode imaginar, foi logo aceite.

Este matrimónio não agradou ao imperador Francisco José, que esperava secretamente que o sucessor escolhesse como esposa

uma das suas netas, a filha do arquiduque Rodolfo ou uma das filhas da arquiduquesa Valéria, a quem aprendera a apreciar desde que ela aceitara admitir, e não sem grande dificuldade, a intimidade que existia entre ele e a atriz Katrine Schratt. No entanto, dificilmente estava em posição de fazer objeções à escolha do sobrinho, pois a noiva era tudo o que o protocolo austríaco, tão severo nas questões relativas ao nascimento, poderia desejar.

Quando a viu pela primeira vez, a indubitável beleza da princesa Zita atraiu-o fortemente. Não só despertou a sua admiração, como também conquistou todo o afeto que o seu velho coração murcho era capaz de sentir por qualquer pessoa ou coisa no mundo. Consentiu até em agraciar a cerimónia de casamento com a sua presença, quando esta foi celebrada no Castelo de Schwarzau, na Baixa Áustria, e encheu a noiva de belos presentes para provar ao arquiduque Francisco Fernando e à duquesa de Hohenberg, segundo dizem algumas pessoas, que havia uma diferença entre o tratamento que ele dispensara a uma esposa morganática e o dado a uma princesa que pertencia por nascimento a uma das mais antigas dinastias da Europa. Perante isto, a situação agudizou-se e, enquanto o arquiduque Francisco Fernando viveu, o sobrinho Carlos Francisco José e a consorte foram mantidos a uma distância considerável de Viena, e não eram autorizados a apresentar-se visivelmente em funções públicas.

Eles não se preocuparam; eram indiferentes quanto ao seu futuro, talvez por não perceberem a importância que este iria adquirir. Ficaram bastante satisfeitos por levarem uma existência retirada, brincando com os seus cães primeiro e depois com os filhos, andando a cavalo, praticando tiro, patinando e fazendo longas caminhadas juntos sempre que encontravam o tempo e a oportunidade. O jovem marido nunca pensou na possibilidade

de passar para a linha de sucessão imediata de Francisco José. Pelo contrário, temia a chegada ao poder de um tio que sabia desprezá-lo. A mulher também temia as afrontas da duquesa de Hohenberg, a quem imaginava que teria de se submeter, um desprezo do qual se vingou de antemão, fazendo o possível para que a primeira sentisse que era apenas uma estranha num círculo familiar que a tolerava, mas que nunca a aceitaria como um dos seus, independentemente dos esforços que pudesse fazer para os persuadir a aceitá-la.

Num aspeto, o casamento do presuntivo herdeiro ao que restará do reino dos Habsburgo depois da guerra foi um sucesso. Deu-lhe uma consorte que nunca aspirará a desempenhar qualquer papel político na história do seu país, permanecendo satisfeita com a posição de imperatriz, com as vantagens que a acompanham, sem desejar influenciar o marido ou interferir em questões de Estado.

Zita de Parma foi criada como uma nulidade numa atmosfera de interesses mesquinhos, fanatismo religioso e frivolidade mais ou menos mundana. É uma mãe amorosa, esposa afetuosa e uma mulher encantadora, que se preocupa apenas com os deveres domésticos e a quem ler um livro sério não dá prazer, enquanto os romances ingleses publicados na edição de Tauchnitz são uma fonte infalível de diversão. Vai regularmente à igreja, jejua nos dias prescritos, gosta de dançar e fica tão animada com um baile como qualquer debutante na primeira temporada. Quando a guerra rebentou, derramou algumas lágrimas convencionais, mas, considerando a posição de esposa do futuro soberano, não fez, como poderia ser esperado, nenhuma tentativa para liderar um movimento humanitário a fim de ajudar os feridos ou os inválidos. É tímida por natureza, e entre a sogra, a arquiduquesa Maria Josefa, e as arquiduquesas Maria Teresa e Isabel, que iniciaram





Carlos da Áustria e Zita de Bourbon-Parma.

inúmeras ações de ajuda, talvez se tenha sentido esmagada em termos de qualquer desejo que pudesse ter relativo a uma atividade pessoal.

A família da princesa Zita fez o possível para a persuadir de que era apenas uma criança, demasiado jovem para ter opinião, e que, por não ter experiência do mundo, deveria ouvir o que os mais velhos lhe diziam e nunca se aventurar a agir de forma independente. Isto estava de acordo com as tradições dos Habsburgo, e era mais provável que os atraísse do que as excêntridades da imperatriz Isabel, que desde as primeiras horas do seu casamento se recusara a curvar-se diante do rigor da etiqueta que prevalecia na corte. A arquiduquesa Zita, pelo contrário, foi sempre muito cuidadosa na observação das prescrições desta etiqueta, nunca se esquecendo da sua posição e tendo diante de si a necessidade de ser a boa filha que a mãe lhe dissera que deveria ser quando se casara com o futuro imperador da Áustria.

O que ela e o marido farão quando estiverem sentados no trono é difícil de dizer. Não é provável, contudo, que qualquer um deles demonstre a menor originalidade nas ações ou no comportamento. Carlos Francisco José estará nas mãos dos ministros que encontrará no poder. Sendo um ignorante quanto à política, contentar-se-á em sorrir e olhará para as coisas em seu redor sem as ver. Irá, talvez, caçar um pouco menos e fazer mais algumas inspeções militares do que o tio-avô, o atual monarca, e receberá os embaixadores acreditados na sua corte com a cortesia de um homem cuja experiência do mundo é muito limitada. Evitará falar de política e podemos profetizar com perfeita segurança que jamais se entregará à exuberância da linguagem que distingue o seu aliado, o imperador Guilherme II da Alemanha. Apresentar-se-á uma excelente figura decorativa sobre cujos ombros será sempre possível colocar o peso de muitas responsabilidades, as

quais aceitará sem a mínima compreensão daquilo em que consistem ou do que representam.

A arquiduquesa passará o tempo a lavar, vestir e educar os filhos, tendo provavelmente uma grande prole. Terá longas audiências com a costureira e insistirá com esta para que faça os seus vestidos de noite com gola alta ou um corte mais modesto, selecionando materiais simples em cores despreziosas, como o azul-claro ou o rosa, com uma pitada de branco aqui e ali. Porá com prazer as joias da Coroa sempre que as circunstâncias o pedirem e ficará satisfeita quando a etiqueta exigir que dê uma recepção na corte e, ao mesmo tempo, não insista para que entretenha os convidados com nada mais do que uma vénia ou um sorriso. Será uma imperatriz convencional, como os Habsburgo sempre tentaram garantir para os filhos, e terá muito medo de fazer algo que possa comprometer a sua dignidade ou ser original em qualquer coisa, exceto no corte das roupas, e mesmo isso decorrerá mais do mau gosto em termos de vestuário das damas austríacas do que por iniciativa pessoal. Zita de Bourbon-Parma mostra-se perfeitamente à altura do marido a quem está unida e, seguindo o exemplo das pessoas felizes, nunca terão uma história própria, nem se interessarão pela dos outros. O seu casamento foi um sucesso desde o início e, na família dos Habsburgo, esses foram poucos.

A Casa Imperial Austríaca raramente teve sorte na escolha das noivas, e os escândalos públicos ou privados, surgidos de tempos a tempos, têm sido demasiado numerosos para se conseguir contá-los. Apesar da severidade do imperador, um após o outro, os arquidukes tentaram emancipar-se da escravidão a que as exigências de uma etiqueta implacável os mantinham confinados. A começar pelo irmão mais novo de Francisco Fernando, que renunciou a todos os títulos e privilégios como

membro da família dos Habsburgo para se casar com a filha de um professor de uma universidade alemã, enquanto na outra extremidade da linhagem a antiga princesa herdeira da Saxónia e o irmão conseguiram moldar para si mesmos uma existência algo estranha. Existem inúmeras histórias sobre os casos de amor de diversos sobrinhos e primos do soberano austríaco reinante. Quase todos parecem ter concebido um perfeito horror em relação às convenções do seu estado exaltado.

A neta mais velha de Francisco José, a princesa Isabel da Baviera, filha da arquiduquesa Gisela, fugiu com um cavaleiro simples, o barão Von Seefried, o qual foi mais tarde nomeado conde e recebeu a chave que os camareiros imperiais usam às costas na corte austríaca. O irmão, o príncipe Jorge, foi o protagonista de um escândalo ainda maior quando a esposa de alguns dias, a alegre e bonita arquiduquesa Isabel, quinta filha do arquiduque Frederico, fugiu dele e conseguiu a anulação da união junto do papa, não obstante o divórcio não ser admitido na Igreja Católica. Era boa rapariga, que não merecia o infeliz destino que lhe calhou. Depois de ter recuperado a liberdade, entregou-se completamente às boas obras e tornou-se irmã da Cruz Vermelha no início da Grande Guerra, trabalhando com a maior devoção na causa da caridade e cuidando dos doentes e dos feridos com uma solicitude infalível. É-lhe atribuída a declaração de que sob nenhuma circunstância será induzida a casar-se novamente e que as lembranças são tais que nunca correrá esse risco.

O casamento dos pais também fora um romance, à sua maneira. O arquiduque Frederico era considerado o melhor partido na família dos Habsburgo por ser o único herdeiro do tio, o arquiduque Alberto, cuja riqueza podia ser calculada em milhões. Todas as arquiduquesas casadouras tentaram fazer-se notadas por ele, perguntando-se se seriam capazes de apelar ao seu gosto e

afetos. Contudo, para surpresa geral, o jovem – mal teria vinte e dois anos na altura – apaixonou-se pela princesa Isabel de Croy, cujo pai, o duque de Croy, embora pertencendo à ordem superior da aristocracia alemã, ainda era considerado um simples cavaleiro, possuidor de grandes posses e de um título antigo. Ele pediu-a em casamento alguns dias depois de a ter conhecido. Era uma mulher inteligente e ambiciosa, que compreendeu logo as imensas vantagens de uma união tão inesperada, e nem tentou dissimular a grande satisfação que sentia. O seu casamento, contudo, encontrou uma violenta oposição por parte da família imperial, que tentou sugerir que aquele deveria ser considerado morgânico. Esta proposição feriu profundamente o orgulho do duque de Croy, que apresentou um maço de documentos antigos que estabeleciam, sem sombra de dúvida, o facto de a sua família ter sido considerada desde tempos imemoriais igual em termos de nascimento às casas reinantes e reivindicando para a filha o direito de ser reconhecida como arquiduquesa da Áustria após o seu casamento com o arquiduque Frederico.

Seguiram-se violentas disputas e, por fim, o imperador foi abordado, decidindo a favor das reivindicações do duque. A princesa Isabel tornou-se arquiduquesa. Nos primeiros anos que se seguiram ao casamento, ela não teve uma vida agradável na corte, pois tanto a família imperial como a aristocracia de Viena indignaram-se com a sua elevação a uma posição que consideravam não ter direito. Em primeiro lugar, entre os opositores, estava a irmã mais velha, a princesa Eugénia, casada com o príncipe Esterhazy, que não gostava muito da ideia de Isabel, a irmã mais nova, ter precedência na corte.

Apesar destas dificuldades, a princesa Isabel, que era sem dúvida uma mulher inteligente, depressa garantiu uma posição invejável na família imperial, sendo apreciada não só pelos seus

membros, mas também pela sociedade húngara, que gostava de ela se ter estabelecido com o marido em Presburg e aberto as portas da sua casa hospitaleira à nobreza, a quem entretinha a uma escala extravagante, algo que a sua grande fortuna lhe permitia. Chegou a tempo de desempenhar um papel importante na sociedade jovial, e as suas opiniões eram tidas em consideração em todo o lado e por todos, até pelo imperador. Teve seis filhas seguidas e só deu à luz o muito aguardado filho vinte anos após o casamento. O evento foi motivo de muita alegria, pois a criança tornava-se herdeira das vastas propriedades vinculadas do falecido arquiduque Alberto, a quem o sobrinho, o arquiduque Frederico, sucedera como inquilino vitalício.

A herança teria passado para uma linha colateral da família dos Habsburgo se o pequenino não tivesse nascido. As filhas tornaram-se partidos bastante atrativos para príncipes católicos, mas os seus casamentos foram fonte de muita ansiedade para a mãe, que gostaria que elas se unissem a cabeças coroadas e que nutria a esperança de que a mais velha se casasse com o primo, o arquiduque Francisco Fernando, e a segunda com o rei Afonso de Espanha, seu primo em primeiro grau, pois a rainha Maria Cristina e o arquiduque Frederico eram irmãos. Infelizmente, essas esperanças estavam destinadas a não se concretizarem, porque o herdeiro do trono austríaco apaixonou-se pela dama de companhia da arquiduquesa, a atraente condessa Sofia Chotek, para grande raiva da sua augusta tia, que, quando tomou conhecimento disso, expulsou a infeliz jovem da sua casa da maneira mais ofensiva possível e nunca perdoou o sobrinho pela decepção que lhe infligira. Depois, relativamente ao jovem governante de Espanha, este sucumbiu aos encantos da loira princesa Ena de Battenberg, desdenhando a prima em cujas veias corria o sangue azul da Casa de Habsburgo-Lorena.